

## Mulheres em Ciência e Tecnologia: a participação feminina em C&T

Por Profa. Dra. Lenilda Austrilino<sup>1</sup>

O dia internacional da mulher está chegando e por sua ocasião várias reivindicações e manifestações são feitas para envolver as mulheres nas problemáticas que lhes são peculiares. Há manifestações visando orientar as mulheres para combater a violência doméstica, alertando sobre os cuidados com a saúde, entre outras temáticas. Todas elas são validas e têm como objetivo levar a discussão sobre o papel da mulher na sociedade sob diferentes aspectos. Como atuante na área de ciência e tecnologia C&T não poderia deixar passar a oportunidade da data para levantar algumas questões sobre a participação feminina em C&T.

Os estudos sobre as relações entre ciência, tecnologia e os movimentos feministas podem ser abordados de várias formas. Uma dessas abordagens refere-se à participação das mulheres na ciência e na tecnologia do ponto de vista do processo mais amplo de reivindicação dos direitos das mulheres à igualdade de oportunidades. O direito à igualdade se traduz como igualdade no acesso a educação e em particular a educação superior; no ingresso à carreira científica e seu desempenho posterior; no acesso a instâncias de decisão no desenvolvimento da ciência e da tecnologia na sociedade.

Comparando a situação de gênero que atua na área de ciência e tecnologia se observa uma predominância masculina. O motivo dessa predominância é antigo e possui explicação que passam por questões de ordem sócio-cultural, econômica e cognitiva. Para explicar as causas da representação desproporcional de mulheres em C&T, basicamente duas perspectivas tem sido usadas. Uma delas atribui as diferenças sexuais como a causa que justifica a desigual presença de homens e mulheres em certas áreas do conhecimento. Pesquisas em biologia e psicologia procuram analisar os condicionamentos genéticos, hormonais e de estrutura cerebral que ocasionam diferenças cognitivas ou de socialização e, por isso diferentes disposições para realizarem tarefas distintas.

Para ilustrar como o determinismo biológico se manifesta enquanto argumento para colocar a mulher em situação de desvantagem, podemos citar o caso recente da reclamação feita por jogadores de futebol de times paulista, que disseram se sentir prejudicados em relação à atuação da arbitra da partida que, por ser mulher não teria o mesmo desempenho em correr atrás da bola que os jogadores em campo. Tal argumento foi contestado, porque a federação monitora os árbitros/as durante as partidas com um equipamento via satélite e o desempenho da arbitra durante a partida em questão estava dentro da média exigida pela federação de futebol. Nesse caso, a tecnologia foi utilizada para derrubar o argumento que a diferença biológica implica em diferença de desempenho para a mesma tarefa, caso seja, realizada por homens ou por mulheres.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Física, UFAL. Mestre em Física Aplicada, USP/São Carlos. Doutora em Educação, PUC/SP. Profa. aposentada da UFAL. Atualmente exercendo o cargo de Coordenadora de Desenvolvimento Científico e Tecnológico da Secretaria Executiva de Ciências e Tecnologia do Estado de Alagoas.

Outra perspectiva colocada como causa da desigualdade numérica da participação feminina, existente em ambientes de C&T, diz respeito às estruturas inadequadas das instituições acadêmicas e científicas que, na sua maioria, são dirigidas por homens, reforçando a posição do estereótipo masculino como o único apto a assumir cargos e posições de mando. Como os padrões sociais e institucionais provavelmente determinam as escolhas individuais, a referência masculina como o “topo da carreira” cria um ciclo vicioso que não propicia o avanço profissional das mulheres. Sob esse ponto de vista, a questão da desproporcionalidade do feminino em C&T não resulta da inaptidão das mulheres para a área e, sim da manutenção das estruturas institucionais inadequadas.

Por que é necessário modificar essas estruturas institucionais inadequadas? Qualquer país que busque se inserir no mundo tecnológico não pode desprezar a contribuição de uma parte da sua população condenando-a ao ostracismo científico e tecnológico. As mulheres são mais vulneráveis a ficar de fora desse processo por enfrentarem barreiras como: a discriminação sexual; sobrecarga devido o acúmulo das tradicionais funções do lar e da profissão acadêmica; reduzido número de mulheres em cargos de decisão dificultando a implementação de políticas e medidas que estimule uma maior equidade no que diz respeito às condições de trabalho e pouco reconhecimento dentro da própria comunidade científica. As conclusões da Conferência Internacional Mulheres Latino-Americanas nas Ciências Exatas e da Vida, realizada no Rio de Janeiro, em 2004, incluem também como barreira o assédio sexual e moral; preconceitos e falta de apoio/incentivos de membros da família e da sociedade para a mulher seguir uma carreira científica e teto de cristal – a socialização feminina reforça um modelo de fragilidade - que faz um contraponto muito forte com o modelo de carreira acadêmica associada a uma imagem de dureza.

É importante frisar que essa situação não diz respeito somente ao Brasil. Pode-se verificar através de relatórios sobre a inserção feminina em C&T, em diversos países, que o índice de participação de mulheres fica em torno de 30% do total de pesquisadores na área. “O Brasil, por exemplo, possui cerca de 26% de estudantes do sexo feminino de graduação, cerca de 23% de mestrado e cerca de 25% de doutorado (dados de 2000). (...) compomos somente 16% do corpo docente” segundo dados extraídos da 1st International Conference on Women in Physics e apresentados por Márcia Barbosa em seu trabalho intitulado *O futuro da física depende das mulheres*. Esses dados mostram que o Brasil na área de física acompanha a tendência mundial, na qual o número de pesquisadoras oscila em torno de 30% do total e, cai em relação ao progresso na carreira.

Ao analisar a distribuição de bolsas em 1997, 2000 e 2003, concedidas pela mais importante agência financiadora do país o CNPq, Leta, em seu trabalho *As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contraste e um perfil de sucesso*, observa que a medida que cresce o nível hierárquico da bolsa, diminui a proporção de bolsistas mulheres contempladas. Para ela, a análise dos dados “sugere que pode existir algum tipo de discriminação no sistema de concessão de bolsas, especificamente na questão das bolsas de produtividade, as de maior nível hierárquico”.

Por que é importante reverter esse quadro desproporcional e torná-lo mais equilibrado? A inserção e aumento da participação feminina em C&T torna-se importante porque pode implicar em transformações sociais e econômicas com impactos favoráveis a sociedade. Um acesso maior ao conhecimento científico e tecnológico é essencial para um

melhor desempenho, de qualquer pessoa, em diferentes níveis de atuação. Sob o aspecto econômico, quanto mais pessoas qualificadas existirem mais chances de se encontrar soluções criativas para problemas tecnológicos e científicos que poderão contribuir para impulsionar o desenvolvimento do país, de modo que o contingente feminino não deve ficar fora da produção dessa riqueza. Outro aspecto da importância da participação feminina é que as mulheres poderão contribuir com novas motivações, valores e diversidade de abordagens e soluções para problemas em C&T.

Para tornar mais equilibrada a proporcionalidade entre gêneros em C&T é necessário estimular a inserção e participação das mulheres, para tal, algumas ações devem ser desenvolvidas, entre elas: garantir educação básica de qualidade; incentivar programas de engajamento de jovens em estudos vinculados a C&T; cumprimento da lei de creches; aumentar e garantir a representatividade de mulheres em comissões, comitês e conselhos de agências de fomento e de órgãos representativos governamentais e institucionais; estabelecer cotas para mulheres, no que se refere ao apoio de projetos de pesquisa e de bolsas.

Criar uma agenda visando a implantação de ações que a curto e médio prazo promovam a participação das mulheres em níveis igualitários, tanto no que diz respeito ao acesso a funções como na igualdade salarial se faz necessário se quisermos promover o desenvolvimento científico e tecnológico do país.